

**SUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA: UM DIÁLOGO ENTRE AS  
PERSONAGENS FEMININAS DAS OBRAS *MAYOMBE* E *A GERAÇÃO DA  
UTOPIA DE PEPETELA***

Cibele Verrangia Correa da Silva<sup>1</sup> – UFES

**RESUMO**

O presente trabalho procura realizar uma análise comparativa entre duas significativas obras da moderna literatura angolana, ou seja, *Mayombe* (1980) e *A Geração da Utopia* (1992), de um dos escritores mais célebres e premiados de Angola: Pepetela. Procura-se desenvolver um estudo analítico e comparativo, entre os elementos estéticos e estruturais de ambas as obras, focalizando para esta oportunidade a análise das personagens femininas, principalmente àquelas que aparecem como protagonistas das narrativas. Buscamos observar o papel social e político que a figura da mulher representa, bem como a composição estética e crítica que o autor cria, na perspectiva da denúncia da situação de subordinação em que as mesmas sobrevivem, assim como pela necessidade de apresentar, através das falas das próprias personagens, a produção de sujeitos, os discursos de resistência às formas tradicionais de sujeição da mulher, também as produções de sujeitos na modernidade, no sentido da construção de uma subjetividade autoral e autônoma, e nas formas de afrontamento de uma realidade que ainda prega um discurso paternalista e de negação da figura da mulher, num cenário permeado por guerras e por desejos de construção e reinvenção de uma nova identidade, sendo ela fragmentada, instável e múltipla.

**Palavras-chave:** Resistência. Subordinação. Personagens femininas. Identidade. Empoderamento. Subjetividade.

**Introdução**

O artigo em questão procura realizar uma leitura comparativa de duas importantes obras da moderna literatura angolana, ou seja, *Mayombe* (1980) e *A Geração da Utopia* (1992) de autoria de Pepetela, sendo este um dos autores e personalidades mais importante da história política, social, cultural e artística de Angola.

---

<sup>1</sup>Cibele Verrangia Correa da SILVA. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: [cverrangia@yahoo.com.br](mailto:cverrangia@yahoo.com.br). Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

Pretende-se, para este momento, focalizar na análise das personagens femininas das obras, mais especificamente daquelas que figuram quase como protagonistas dos textos, já que suas presenças e perspectivas são determinantes para certos acontecimentos e discussões promovidas pelos romances. Faremos um estudo das personagens Ondina de *Mayombe* e Sara de *A geração da utopia*, observando principalmente a temática da guerra, bem como a questão do tribalismo e do racismo presentes na efabulação, e a produção de sujeitos que se dá na discussão de gênero e do empoderamento<sup>2</sup> da mulher a partir da apropriação da sua sexualidade e identidade, sempre num movimento de resistência e de afrontamento à realidade representada nas obras.

O principal pano de fundo de ambas narrativas é a guerra de libertação, em que os ideais de mudança apontam para a necessidade de ressignificação dos valores tipicamente africanos, bem como a desconstrução da dominação política e cultural do passado colonial, na clara intenção de repensar os valores nacionais e identitários, o que se coloca presente tanto na fala dos narradores, quanto das personagens e, também na discussão de gênero suscitada.

Muitas das temáticas apresentadas pelas obras do referido autor estão vinculadas a questão das guerrilhas pela libertação e da luta contra o colonialismo. Também a guerra se coloca contra o racismo, o tribalismo e as desigualdades sociais. Em *Mayombe* percebe-se claramente a expectativa pelas efetivas transformações sociais adquiridas com a independência de Angola. Já em *A geração da utopia*, há um desmascaramento dessa utopia, percebe-se que é preciso muito mais que a independência para atingir-se o ideal de um país efetivamente justo, livre e igualitário. Faz-se necessário uma transformação radical no pensamento da sociedade, o que leva o autor a propagar um discurso do desapontamento, da descrença, do desencantamento.

---

<sup>2</sup>O termo vem do inglês *empowerment*, e surge vinculado com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos na década de 70, por meio, principalmente, dos levantes políticos de poder *d@negr@*, como forma de ressignificação de valores e busca por cidadania plena. Ainda na mesma década, o termo também começa a ser utilizado pelo movimento feminista. O conceito liga-se a capacidade de decidir sobre a própria subjetividade, tornando-se uma estratégia de empoderamento de pessoas e comunidades, o que também é estendido para o coletivo.

A perspectiva socialista e libertária do autor, faz com que ele crie personagens femininas que denunciam a sujeição que muitas vezes a mulher vive no contexto patriarcal, possibilitando uma afronta a esta realidade, construindo um discurso de resistência e de enfrentamento às situações de opressão e violência em que a mulheres sobrevivem, objetivando um outro lugar para o gênero feminino. Pepetela cria mulheres fortes, resistentes, que ousam desafiar a norma e o padrão pré-estabelecido, em um mundo dominado por homens, principalmente no que tange à questão da sexualidade, de apropriação do corpo e a construção de subjetividades autorais e autônomas.

### **Das obras**

Mayombe, romance escrito em 1971 e publicado em 1980 narra a trajetória de luta dos guerrilheiros anticoloniais na floresta do Mayombe, onde está montada sua principal base militar, bem como as estratégias da luta armada, na perspectiva de combate ao regime colonial, e a libertação de Angola do jugo dominador e opressivo de Portugal. O romance é dividido em cinco partes: “A missão”; “A base”; “Ondina”; “A surucucu” e “A amoreira” e um epílogo, em que vamos conhecendo todas as angústias, sofrimentos, batalhas, conquistas, medos, sonhos dos jovens que forjaram, através da guerra, a independência de Angola, bem como os ideais de uma nação livre e autóctone.

Uma especificidade importante na obra é a questão da polifonia. Vamos conhecendo as personagens, bem como a narrativa em si através das diferentes falas que povoam o romance. Nesse sentido, observamos cada personagem apresentado sua perspectiva na guerra e, também as diferentes problemáticas que serão discutidas ao longo do texto, como a questão do racismo, do tribalismo, da corrupção, a afetividade dos guerrilheiros, os sonhos, as decepções etc. Algo que nos chama a atenção aqui é que apesar da personagem Ondina, objeto do nosso estudo, ter uma participação crucial no desenrolar dos acontecimentos e das expectativas, ela não figura como narradora do texto. Conhecemos sua história sempre através da intervenção do narrador; na fala das outras personagens ou através dela mesma, pelo discurso direto.

O romance *A geração da utopia* foi publicado em 1992, doze anos após a primeira publicação de *Mayombe*, e demonstra um forte sentimento melancólico e desesperançado. A temática central continua sendo a guerra de independência, apresentando os sonhos e anseios dos jovens que forjaram tal processo e idealizaram um universo novo para a nação. O romance divide-se em quatro partes, compondo um período de dez anos. A primeira parte, intitulada “A casa” se dá em 1961, com o início da luta armada e o projeto de independência. O segundo capítulo, “A chana” de 1972, nos apresenta a Frente Leste e relata sobre a guerrilha. “O polvo” é a terceira parte, e passa-se nos anos 80, já numa Angola livre e atravessada pelo neoliberalismo, pela formação de uma forte burguesia e pela corrupção política e social. A última parte, intitulada “O templo” passa-se nos anos 1991-92, no momento em que a obra é publicada, apresentando-nos o desapontamento com o caminho que a política segue, bem como nos faz conhecer uma nova religião surgindo (uma grande metáfora a invasão de certas religiões que tem como intenção o lucro e a ludibriação dos mais fracos e oprimidos), sendo esta fruto do capital e da distorção de valores que assola o país no pós-independência.

Aqui já se percebe a construção de várias personagens femininas, que participam efetivamente do desenrolar dos fatos, são empoderadas nas suas subjetividades e perspectivas, possuem uma identidade em construção, mas que já aponta para uma discussão mais avançada sobre as relações de gênero e o papel da mulher na sociedade. Nosso foco está no estudo da personagem Sara, que já nos é apresentada logo nas primeiras páginas do romance, figurando “quase” como protagonista, algo que será desconstruído ao longo do texto, mas não deixa de representar uma imagem positiva e de poder da figura da mulher, questões que iremos discutir a seguir.

### **Vozes de mulher: olhares para as personagens Ondina e Sara**

A personagem Ondina, de *Mayombe*, tem uma importância crucial para a narrativa, não só pela sua força e caracterização, mas também porque condiciona os



acontecimentos que marcam a trajetória de outras personagens, bem como de toda a narrativa.

Ela é professora e noiva do Comissário Político, uma das personagens centrais da obra, que num determinado momento da narrativa, trai o respectivo companheiro, desencadeando uma série de problemáticas que vão abalar o equilíbrio emocional e político do grupo de guerrilheiros, assim como modifica as expectativas e anseios do noivo, fato que influencia diretamente na visão ideológica do mesmo, o modificando, modificando também sua práxis e atuação na guerra.

A personagem já nos é apresentada num caráter de superioridade em relação ao companheiro, principalmente no que tange a sua sexualidade e experiência de vida, questão que permeará toda a construção simbólica da mesma, apontando para um discurso que empodera a figura da mulher e sua liberdade de escolha e de apropriação do próprio corpo, e os movimentos de resistência que aparecem na discussão do gênero.

Ondina viera há um ano de Angola. Estudara uma boa parte no Liceu, mais que ele. Mesmo depois de noivarem, isso sempre foi uma barreira. O Comissário considerava que Ondina lhe fizera um favor, aceitando-o, pois podia aspirar a pessoas mais cultivadas. Ele formou-a politicamente, mas nem isso o convenceu de que estavam em pé de igualdade. Se não acabasse com esses complexos, o amor deles falharia, dissera um dia Sem Medo. Mas o Comissário nunca tivera um namoro, a sua experiência era unicamente com prostitutas, a desvantagem era grande em relação a uma Ondina que já conhecera outros homens (PEPETELA, 2013, p. 81).

Sara, personagem de grande importância em *A geração da utopia*, nos é apresentada logo nas primeiras páginas da obra, indicando que talvez tenhamos uma protagonista, questão que será desconstruída logo que começamos a conhecer as outras personagens e o próprio enredo. Na verdade, assim como Ondina, Sara tem uma importância crucial para a composição da narrativa, mas ela ainda figura como base/escada para o protagonista masculino.

Ela aparece como estudante de medicina (e depois, ao longo do curso dos acontecimentos e do tempo da narrativa, ela se tornará médica), branca, bastante

centrada em seus propósitos, idealista, livre, explicitamente de orientação política socialista e com uma visão e atitudes de força e resistência, configurando também uma personagem forte e com valores muitas vezes superiores aos das personagens masculinas.

Uma temática importante suscitada pelas obras é a questão do tribalismo e do racismo, que no caso de *Mayombe*, aparecerá motivada pela traição de Ondina, fato que supostamente aparece como algo pessoal, mas que desencadeará a discussão da problemática das diferenças étnicas que atravessam a subjetividade dos guerrilheiros, bem como de toda a guerrilha, promovendo a crítica social desejada pela obra e, já mostrando o poder e força que a personagem possui.

André era kikongo e Ondina noiva dum kimbundo. Não é preciso ser feiticeiro para adivinhar o clima que reinará em Dolisie, pensou Sem Medo. O André enterrou-se definitivamente. Enquanto tinha amantes congolezas, as pessoas murmuravam mas não ousavam agir. Agora era diferente. O dramático é que o inevitável sucedesse para André à custa do Comissário, isso era injusto. Vamos lá nós saber o que é justo ou injusto, quando há mulheres no meio!(PEPETELA, 2013, p. 135).

Em *A geração da utopia*, este universo será um dos eixos temáticos que atravessará as falas da personagem, bem como sua formação identitária. Sara, apesar de ser branca, se vê puramente africana, com valores autóctones, algo que será comumente abordado na obra, situação também que a fará apoiar plenamente a guerra de libertação colonial, mas também se colocará com um abismo para sua aderência.

Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava a outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos [...]. (PEPETELA, 2013, p. 11/12).

O racismo também será uma temática de grande relevância em *A geração da utopia*, e a personagem se colocará com protagonista desse debate, nos permitindo entender como se dava a relação entre brancos e negros no contexto dos processos de descolonização e da necessidade de se pensar uma outra identidade em solo angolano.

Todos os dias me pergunto isso. Há muito tempo que sou pela independência e sei que ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso lutar por ela e à minha maneira lá vou fazendo o que posso. Mas também não queria que os meus pais fossem mortos só porque são brancos. Ou expulsos. (p. 38).

Quer dizer, toda a gente sabia do MPLA, deviam estar a organizar-se, e ela ficava de lado. Por ser branca, só podia ser. Doeu. É uma fase de desconfiança normal, pensou ela. Mas doía na mesma. (PEPETELA, 2013, p. 38).

Assim, temos dois romances que fazem uma crítica ao tribalismo e ao racismo que acontece na sociedade angolana neste período de guerra, pois configura uma fragmentação nos ideais de uma nação mais justa e igualitária, uma vez que as relações de poder e de força serão medidas pelo pertencimento étnico, compondo uma rachadura no projeto de formação de uma identidade nacional, verdadeiramente angolana, autoral e resistente, distante dos domínios e opressão da máquina colonial.

Observamos, dessa forma, um olhar bastante contemporâneo do autor em construir narrativas que denunciem o problema da identidade fixa, imóvel, já perspectivando uma formação identitária forjada na diferença, na pluralidade, na fragmentação e na mobilidade dos corpos e subjetividades, sendo que a figura da mulher se coloca como essencial nesse processo.

[...] a narrativa de Pepetela abre-se à explicitação das várias identidades, alertando para o fato de que a massificação pretendida pela colonização não foi capaz de pôr fim à pluralidade de crenças, línguas, tradições, enfim das várias histórias que os povos oprimidos guardam (CHAVES, 2009, p. 132).

Sobre a questão da sexualidade, talvez aqui tenhamos de fato uma construção estética bastante subversiva e resistente. Esse é um elemento crucial para entendermos a

questão de gênero discutida nas obras, bem como da formação identitária imaginada, perpassando pela libertação do corpo da mulher, e uma visão masculina menos sexista e tradicional. As personagens tem permissão de viver sua sexualidade plenamente, pois as mesmas se permitem a isso, afrontando as relações de poder estabelecidas pelo sistema, e mesmo pelo fato da guerra, apropriando-se do seu corpo e da sua subjetividade.

[...] as dimensões do feminino têm importante contorno no romance de Pepetela, pois é o comportamento transgressor, sobretudo o da personagem Ondina, que estrutura certas linhas de pensamento acerca da liberdade do ser humano. Esse pensar acerca da liberdade transcende a busca pela libertação de um povo – e a fundação da nação angolana – e resvala para uma discussão acerca da liberdade em outros territórios da dimensão humana, como, por exemplo, o da sexualidade e o das relações estabelecidas com o próprio corpo [...] (PANTOJA; MARCELINO, 2003, p. 02/03).

Essa questão fica-nos claramente explícita quando observarmos o diálogo de Ondina e o Comissário sobre o momento da “traição”, em que a mesma não demonstra arrependimento ou insegurança, uma vez que sua sexualidade está para além da afetividade, universos simbólicos que não se atravessam, não se conflituam, uma vez que são perspectivas diferentes, e o desejo deve ser contemplado acima de tudo, denunciando-nos mais uma vez a construção de uma personagem empoderada, que ousa desafiar a estrutura patriarcal tradicional, criando um movimento de resistência e de pertencimento.

– Bem, se queres saber... Ele beijou-me no jipe. Quando me propôs para irmos para o capim, aceitei.

- Por que o deixaste beijar-te? Por que aceitaste?

- Sei lá. Apeteceu-me.

- Mas por quê? Isso não acontece à toa.

- Comigo pode acontecer à toa. Depende das circunstâncias, depende do homem... Eu sentia-me só, André é um belo homem.

- Não me gramavas então.

- Quem sabe? Há várias espécies de amor. Aliás, isso já não interessa. Vou-me embora e tu encontrarás outra mulher (PEPETELA, 2013. p. 164).



Com relação ao empoderamento de Sara, observamos uma certa diferença da personagem Ondina, pois está para além da questão da sexualidade, dialoga também com seu posicionamento político e ideológico. Vemos que ela se apropria sim do seu corpo para se permitir ao desejo, mas a discussão é um pouco mais colocada no lugar do institucional e social. Ela engravida do namorado sem que os mesmos tenham se preparado para tal acontecimento, mas Sara se antecipa, e coloca-se no lugar de se permitir assumir a gestação sem a participação masculina. Longe da resignação, vemos uma mulher que se permite vivenciar uma experiência familiar para além do senso comum e dos ideais cristãos e patriarcais de laços familiares.

Problemas? Sim, claro que os havia. Em primeiro lugar, com Malongo. Ia assumir? Quanto tivesse a certeza, ela ia ser muito clara. Malongo não tinha obrigação nenhuma se não quisesse. Nada de casamentos apressados ou coisas assim. Possas, não era por capricho que tinha ideias progressistas. E ela podia muito bem arcar sozinha com as responsabilidades da filha, se fosse necessário [...] (PEPETELA, 2013, p. 50).

Durante toda a narrativa, outras perspectivas de empoderamento se fazem presentes na composição da personagem; ela está sempre participando ativamente dos debates e discussões ensejadas, apresenta seu ponto de vista de maneira bastante autoral e vanguardista, se colocando muitas vezes em situação de paridade com as personagens masculinas, tanto do ponto de vista intelectual, quanto político e social.

No nosso caso, ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedades a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso dos outros povos.

- Um casamento entre nacionalismo e internacionalismo, é isso?
- Definiste muito bem. Um casamento harmonioso entre dois contrários antagônicos.
- Mas isso é linguagem marxista.
- Pois é. Resta a saber se essa utopia se pode realizar. Alguns dizem que já a realizaram, com o comunismo (PEPETELA, 2013. p. 91/92).

### Algumas considerações

Observamos através da análise das personagens Ondina e Sara que a questão de gênero é um dos interesses do autor e que se coloca presente durante todo desenvolvimento das narrativas. Vê-se uma clara e explícita intenção de pensar a relação mulher/homem na contemporaneidade, bem como privilegiar um discurso que aponte para um forte empoderamento da mulher e dos movimentos de resistência ao padrão patriarcal e sexista existente.

O autor não se furta em construir diálogos em que a questão política, de clara perspectiva marxista, observe a mulher no curso da formação identitária pensada, ressignificando valores e observando uma identidade forjada na multiplicidade, no pluralismo, na produção de diferentes discursos e necessidades, na fragmentação do poder e nos movimentos de afrontamento a ordem e ao sistema.

[...] Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco a maneira do estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 92).

Assim, podemos concluir que estamos diante de duas personagens fortemente construídas em bases de resistência e afrontamento das formas tradicionais de subordinação da mulher, numa evidente tentativa de desconstruir com a imagem de supremacia e hegemonia masculina, em que a formação identitária desejada na modernidade, está no lugar do diálogo, da formação, principalmente do sujeito, que é atravessada pelas diferentes relações de poder e resistência, mas que ousa desafiar tais relações, para propor novas subjetividades e outras realidades.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1992, p. 13).

Temos personagens femininas bem formadas intelectualmente e politicamente, que dominam sua sexualidade e seus corpos, que possuem uma identidade em construção, denunciando as relações que ainda apontam para um patriarcalismo e violência contra a subjetividade da mulher, mas também nos mostram possibilidades de uma convivência harmônica entre os gêneros e as múltiplas identidades que veem figurando em solo africano.

### Referências Bibliográficas

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (organizadoras). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, Stuart. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Método*. In. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

PANTOJA, Tânia Sarmiento; MARCELINO, Lia Maria Lima. “O corpo como ato político: o amor como revolução em Mayombe, de Pepetela”. *Revista Artíficos*.

Volume 3, n.o 6. Dez/2013.

PEPETELA, *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA, *A geração da utopia*. São Paulo: Leya, 2013.